



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

POSSE COMO PRESIDENTE DE HONRA
DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

Rio de Janeiro
25 de junho

O Presidente Sarney toma posse como Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, retomando uma tradição que tem raízes no Império, pois Pedro II, seu grande incentivador, presidia as sessões regularmente.

20 de junho — O saldo favorável da balança comercial nos meses de maio/junho em US\$ 2 bilhões, leva o Ministro Bresser Pereira a afirmar que «não tenho nenhuma necessidade de ir correndo ao Fundo Monetário Internacional». Prolonga-se a moratória técnica brasileira.

22 de junho — O Presidente Sarney envia ao Congresso a nova Lei de Greve.

Senhoras e senhores.

É para mim um grande prazer tomar posse como Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Lamento que já não esteja aqui presente o grande amigo e historiador, o presidente Pedro Calmon, que se despediu de nosso convívio e a quem, nesta hora, relembro com saudade, ressaltando a falta que faz à historiografia brasileira. Mas vejo como sucessor à frente deste instituto outro homem de qualidades excepcionais, o ilustre professor e

acadêmico Américo Jacobina Lacombe, a cujo mandato desejo o melhor êxito.

Grandes nomes por aqui passaram. Aqui, brasileiros ilustres têm pesquisado, estudado e analisado os fundamentos históricos da Nação.

A reflexão aqui gerada produziu também ação política. Entre tantas figuras estelares que pertenceram aos quadros deste Instituto e ao mesmo tempo estiveram envolvidas nas realizações políticas, incluem-se, na monarquia, o Visconde do Rio Branco; na República, o seu filho, o Barão do Rio Branco. Duas personalidades que intervieram profundamente no processo de transformação social, política e econômica do Brasil.

Por aqui passaram, além disso, grandes homens de letras, pois a vida literária completa-se com cultura histórica. E, mais que isso, o escritor, sobretudo o que se inspira nas paisagens de sua terra e nos costumes de seu povo, não deixa de ser um historiador, também um interessado pelo meio que o cerca.

Vemos, só para citar alguns nomes, um Joaquim Nabuco, um Visconde de Taunay, Euclides da Cunha, Ramiz Galvão, Oliveira Viana, Afonso Celso, Afonso Taunay, D. Aquino Correia, Elmano Cardim, José Carlos Macedo Soares, que percorreram os caminhos da Casa de Machado de Assis a já antiga corporação das letras históricas.

Em 1838 nasceu este Instituto, sob o influxo das grandes paixões voltadas para o fortalecimento da nacionalidade, num Brasil jovem e independente.

A reflexão sobre o Brasil, sobre seu passado, é indispensável para a compreensão e a valorização de nossa nacionalidade e da cultura de nosso povo. Como uma vez disse José Américo de Almeida: «Enriquecer a inteligência, para facilitar o discernimento dos fenômenos sociais; para não se andar no escuro, desconhecendo a própria sombra.»

Os documentos históricos dialogam com o presente. Por isso é importante o trabalho do historiador, a pesquisa histórica e a recuperação de documentos de nossos antepassados. Eu mesmo sou velho freqüentador, em numerosos estudos, da *Revista* do Instituto Histórico do Mara-

nhão, do qual sou membro e do qual já fui presidente. Vice-Presidente da República, aceitei prefaciá-la *Jornada do Maranhão*, de Diogo de Campos Moreno, que pela primeira vez era editada no Brasil.

Conhecer a História é uma forma de encontrar-nos conosco mesmos. A história do Brasil é rastro de seu povo, dos feitos e obras que este deixou ao longo dos seus séculos.

A História, como um valor da nação, adquire importância ainda maior num momento como o que agora vivemos, de profundas e graves discussões sobre nosso futuro. Para o desenho desse futuro que desejamos livremente construir, o principal instrumento de nosso trabalho é o conhecimento do passado.

Quando um historiador do século XXI vier a se debruçar sobre este nosso presente, para ele fonte dos seus dias, ao observar nossas perplexidades e as decisões tomadas, seguramente terá condições de superpor à ruptura, que às vezes pretendemos estabelecer com o passado, os grandes traços de permanência.

A cultura brasileira sempre soube renovar-se a partir de raízes profundas e plurais. Por isso o Brasil não é ensimesmado. É aberto.

Falo de uma cultura africana, americana, indígena, européia, asiática, que, por ser tudo isso, é brasileira.

Assim, em sua pluralidade, e mesmo em suas grandes mudanças, o Brasil permanece fiel a si mesmo.

Sem medo, realizamos reformas ousadas. E, ao mesmo tempo, temos sabido conservar, como forma de viabilizar as mudanças, a linha básica da nossa ação política: a constante busca da conciliação.

Não desejamos sacrificar a profundidade das reformas necessárias, mas não queremos ser falsos a nosso passado.

O fruto desse esforço é a unidade do País. O Brasil não se divide sobre seu passado e não o rejeita. Em momento algum procura fraudá-lo. Aceitamos nosso passado como ele realmente foi, rememorando suas glórias, mas também assumindo suas faces mais tristes, sua carga mais

negativa, como a da escravidão, por exemplo. O passado é muito do que somos e por isso nada do que dele faz parte nos é estranho.

Vivemos hoje, no Brasil, um momento de expectativa, em que o povo repensa suas instituições.

Ao recuperar o comando de seu destino, a sociedade brasileira se reencontra com sua história. A riqueza cultural de nosso povo, sua inventividade, são a energia que fará deste País uma grande nação.

E este Brasil, um Brasil de liberdade e de justiça, será sempre o Brasil que trazemos nas veias, tão bem dito por Drummond:

*«O nome soa em mim é sino
ardendo fogueira despetalada
em curva de viola
calor de velhas horas no estridor
de coisas novas».*

Ao agradecer o gesto com que me recebem neste Instituto, relembro as palavras aqui pronunciadas por Euclides da Cunha ao tomar posse de sua cadeira:

«Posso vir, placidamente, para o vosso meio, trazendo uma qualidade única e irresistível, mas que por si só supre, por outras: a qualidade de brasileiro.»